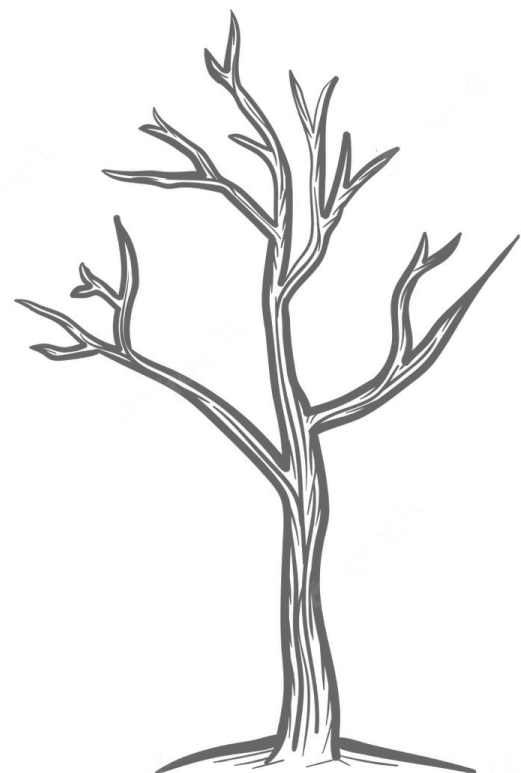


# A PRAGA

COELHO NETO

1896



# A PRAGA

(em **SERTÃO**, 1896)

## I

Ao Dr. Martim Francisco

Estava a expirar o adusto dezembro.

O sol ardia desde outubro com o furor inclemente de um castigo, secando as fontes, mirrando os extensos campos tristes onde o gado mugia, extenuado e magro, levantando para o céu fulvo os grandes olhos mansos e resignados. Ventos áridos abrasavam com o hálito da natureza em febre. Pairava um cheiro forte e acre de queimadas e os dias, tácitos e longos, de um esplendor vivíssimo, pela hora média velavam-se de uma névoa fina como a evaporação trêmula de um fogo. A alma canora e meiga das florestas desertara acossada pelo flagelo ardente, e era tão extraordinário o aparecimento de pássaros durante os ríspidos calores que o chilro de uma camaxirra ou o chalrado de uma jandaia eram tomados alegremente como presságios felizes.

O terror alarmara os sertanejos supersticiosos. Era tal o desânimo que todas as almas desesperadas, num mesmo ímpeto de fé, voltaram-se para Deus, com tamanho ardor que, mesmo dos campos, à luz cáustica, dentre o rumor bucólico dos rebanhos, subiam coros religiosos dos vaqueiros; e nas fontes, onde subsistia um pouco de verdura, velhas negras escravas emborcavam os púcaros e, caladas, contemplativas, esquecidas do tempo, ficavam olhando o lento e escasso esfiar da água, atolando os pés na areia encharcada, onde cães morrinhentos ofegavam estirados, farejando, com volúpia, o frescor da umidade.

Pescadores, descendo e subindo o rio, cantavam saudações ao propício ano novo, singrando ao sabor da brisa sertaneja leve, impregnada do cheiro quente do rastolho. Em todos os cantos havia a mesma prece ao Senhor para que o ano que vinha fosse melhor que o velho, que entristecera tanto lar e banhara de lágrimas o rosto a muita criatura vitimada no afeto pela peste que flagelara o sertão verde e virgem, sempre sadio e viçoso, tão desbravado, entretanto, nesse bissexto expirante.

Lugares deliciosos, sítios de amena e apetecida sombra, preferidos de todos para as preguiçosas sestras do meio-dia, nem o gado procurava: murchos, pecos, arrasados pelas soalheiras, não mais floriam - tinham sido tomados pelos mortos que ali iam dormir o último sono e, em vez das madressilvas e das rosas silvestres, ramos de flores bravas mirravam na solidão, engrinaldando

funebremente os cepos das cruzes, em cujos braços, secos, à tarde, ao luzir das primeiras estrelas, rolas iam chorar sentidas saudades tristes.

Velhas senzalas ermas, escancaradas ao tempo, apodreciam sem que ninguém as procurasse, a não ser o cão familiar que errava entresilhado, ganhando a sua tristeza e a sua lepra, saudoso e faminto, farejando os caminhos de antes trilhados pelo dono e recolhendo, à noite, as cinzas frias do borrar doméstico. E continuamente, num dobre fúnebre, o sino de Santa Eulália espalhava pelo fundo sertão os seus soluços de bronze.

Ao crepúsculo, evolava-se do sítio um cheiro místico de incenso e de mirra e subia de todos os tetos, como de turíbulos, a espiral azulada das defumações que se faziam para enxotar a peste, enquanto as velhas religiosas desfiavam rosários correndo a casa, trêmulas, ao ciciar das rezas, varrendo os cantos com a vassourinha benta ou com feixes de palmas das que alastraram o caminho de Jerusalém, quando o burrico paciente que Jesus cavalgava trotou nas pedras da cidade dos lírios.

Longe, no fundo sombrio do horizonte de serras, onde o sol vertia os raios derradeiros, roncavam, merencórias e lúgubres, as guaribas soturnas e, de espaço a espaço, da solidão calma dos profundos vales vinha, numa ondulação de gemido, magoada e enternecida, a toada da cantiga dos tropeiros que desciam, rumo da cidade, tangendo a cavahada.

E as noites, de uma impassibilidade morna, caíam sobre os campos, ameaçando com as estrelas, o próximo amanhã calamitoso e flamíneo.

Se alguém adoecia - como a esperança fugira de todas as almas - os parentes reuniam-se em conselho e, enquanto o enfermo agonizava, com os olhos abrasados de febre, fixos no registro do crucificado, pendente do muro, entre rosas murchas, discutia-se o lugar do enterro, lembravam-se paragens à margem molhada e sempre em sombra da fonte da Saudade ou o alto de uma colina guardada por um ingazeiro que ele tanto procurava quando era de levar ovelhas ou para pensar, afastado e só, entre as ervas de bom cheiro que florescem pelo Natal. E antes que expirasse, já a sua alma estava encomendada à clemência de Deus e, para envolver-lhe o corpo, a mais carinhosa das mulheres perfumara um lençol de linho com alecrim do campo e favas de baunilha.

Nas culturas mortas amarelecia ao tempo a palha dos milhos secos e era muito ver-se reluzir ao sol a foice de um cativo roçando o mato, de onde fugiam aos galões, tontas e espavoridas, cotias tímidas. O verde e tenro arroz novo morria nos tremedais ressequidos e os papagaios chalravam famintamente nas

ramadas dos ipês folhudos, pontilhados vistosamente de pequeninas flores de ouro.

Campeiros, por mais ousados que fossem, temendo o sol negavam-se a pastorear, protestando todos com a mesma frase sinistra feita à morte: “A bicha anda danada por aí...”

Lento e lento, uns após outros, foram desertando todos os camaradas, de sorte que o gado, acostumado a pastar nas campinas viçosas, mugia e balavaesquecido no espaço estreito de um cercado velho, mordendo o capim que lhe jogavam aos feixes, ruminando brotos raquíuticos nascidos na terra fossada pelos bácoros, empastada de lama onde zumbiam moscas.

Às vezes, nas balsas que desciam o rio, impelidas a varejão por cinco ou seis negros reluzentes, de tanga, apenas passada à cinta, levantava-se um berro gemebundo e, quem olhasse, veria todos os braços fortes alçados para o céu, alguns erguendo os varejões à maneira de lanças, os olhos altos, as bocas escancaradas, vozeirando o mesmo grito: “Valha-nos Deus!”, que era um clamor de piedade para um companheiro que agonizava, estirado nos paus da balsa, o peito exposto à luz, zurzido de moscas, gemendo enquanto as ciganas grasnavam nas margens, olhando os camalotes de aningas que desciam ao sabor da água e as graças finas, finas, alvas, esguias, passavam no ar, uma atrás das outras, estalando os bicos, os pés juntos, hirtos, duros como flechas.

O sol ardia flamejante, cor de ouro, no céu fúlgido.

De tempos a tempos, pelo meio-dia, vinha das bandas das serras, um rumor surdo, um ronco longínquo de trovão. Amontoavam-se nuvens plúmbeas, outras brancas, muito claras, resplandeciam; caía um silêncio pesado e adormecedor, a calma envolvia tudo; os ruídos aumentavam de vibração - retumbava. De repente, uma larga sombra varria a terra; escurecia. O céu tomava uma cor negra, amontoavam-se rolos de nuvens túmidas, sentia-se como que um oceano suspenso - era a chuva que vinha. Mas, para a tardinha, um vento de fogo espanava o espaço e, rubra, enorme, silenciosa, a lua nascia, da cor do sol, e ia subindo, sinistra e sanguínea, empalidecendo e diminuindo aos poucos. As preces continuavam e, pela noite alta, uma velhinha santa saía à varanda da casa que os senhores haviam abandonado, fugindo à epidemia, e, de instante a instante, clamava no silêncio, badalando uma campana:

– Misericórdia, meu Deus! E em toda redondeza um coro repetia profunda, misteriosamente: “Misericórdia!”

Abriam-se todas as casas, jatos de luz alastravam a terra e, de novo, lenta e vibrante, a campana tinia.

Toda gente de Santa Eulália, ao místico reclamo, corria ao terreiro claro, enluarado, onde o vulto da velha, negro e hirto, numa imobilidade de estátua, esperava como uma iniciada em êxtase. Vinham à frente as mulheres, a pequenos passos, humildes, como um bando fraco de vítimas seguindo para o sacrifício - caminhavam balbuciando, algumas com os filhos ao colo ou escarranchados ao flanco. Velhas fanáticas bradavam, parando de instante a instante para gemer súplicas, batendo pancadas brutais nos peitos magros. Homens, num grupo cerrado, seguiam atraídos, a cabeça baixa, calados e taciturnos.

Junto da velha profetisa, paravam fazendo um círculo e ajoelhavam-se. Todos os braços agitavam-se num mesmo movimento, vozes soturnas resmoneavam acompanhando a unção do “Pelo sinal” - depois caía um silêncio trágico, quebrado abruptamente pela voz enfática e oracular da velha tirando a reza, até que, num reboante e formidável coro, todas as vozes cantavam alto na quietação do luar para que a prece fosse além dos astros, muito além, até Deus, o dominador das pestes, o benfeitor dos mundos.

Um vento forte curvava os ramos; repetia-se o coro no murmulho das árvores. Não longe, cães errantes uivavam.

A retirada fazia-se lenta e gravemente, como em cenário.

Súbito, todas as luzes desapareciam e, isolada, mais fúnebre, a campana, pela última vez, tinia.

Corria um sussurro surdo: era como a passagem macabra da Peste.

## II

Raimundo, o cafuzo, o mais atrevido, o mais audaz de todos os vaqueiros, foi atacado do mal.

Certa manhã, na ocasião de saltar para o lombilho, sentiu as pernas fracas, a vista turva, quase extinta, náuseas e uma dor aguda no ventre. Como era forte e temerário, manteve-se de pé, apoiado à anca do cavalo, esperando que lhe passasse a tonteira, mas subitamente uma golfada amarga subiu-lhe à garganta, fecharam-se-lhe as pálpebras pesadamente, um tremor agitou-o e, desfalecendo, sacudido por um arrepião de febre, rolou na terra torcido, ansioso, escabujando como um epilético. Ninguém o acompanhava, apenas o gado em magotes que, ansioso pela marcha através dos campos orvalhados, ia e vinha estirando o pescoço por cima da tronqueira com mugidos altos e prolongados.

Ao pino do sol, uma pequena guardadora de aves, aproximando-se do cercado, parou atraída pelo espetáculo bárbaro do amor brutal dos touros.

Disputando a posse das novilhas tenras, os fortes marruás incendiados, lascivos, firmes nas patas dianteiras, os jarretes retesos, a grande cabeça baixa, escavando a terra, berravam desafiando-se. Os outros bois, parados, contemplavam.

Num ímpeto, os rivais levantavam os olhos fulvos, miravam-se, com um longo olhar faiscante e cheio de iras, recuavam, recuavam, até que, quase tocando os paus da cerca, partiam um contra o outro, devagar a princípio, lentos, traiçoeiros, mugindo baixo, a língua, rubra e seca, pendente e flácida. Estacavam, mas, num brusco avanço, arremetiam - as frentes chocavam-se e as aspas travavam-se ficando os dois presos, resistindo, arrancando num esforço formidável e teimoso de brutos. Cansados, recuavam no círculo atento dos companheiros e de longe, com outro berro, desafiando-se de novo, investiam recomeçando a luta. As vacas assistiam impassíveis e, de vez em vez, no silêncio, bimbalhava a choca de uma madrinha como um sinal de guerra.

A pequena olhava distraída, atenta, mas de repente rompeu a rir ingenuamente, vendo passar perto da cerca, aos trancos, um casal amoroso - os dois formando um só na justaposição sensual e fecunda, um só animal bicéfalo, hediondo como uma grande besta apocalíptica. Seguindo-os com o olhar foi que ela viu por terra, estendido como morto, o vaqueiro Raimundo.

A sua primeira ideia foi saltar a porteira para certificar-se, mas teve medo. Partiu a correr levando, à casa, notícia da descoberta que fizera. Vieram homens do engenho com a maca de taquara que servia no sítio e recolheram o vaqueiro.

A curiosidade fizera chegar um grupo à tronqueira, mas no momento em que levantavam o moribundo para transportá-lo à cabana, no alto da colina, toda gente recuou, cuspidando de nojo, esconjurando a peste malfazeja.

E logo espalhou-se a notícia e em todas as casas, mesmo no terreiro, acenderam-se fogos e ardeu fumando o alecrim bendito.

— Deus tenha tua alma! Balbuciavam religiosamente os que viam subir o grupo; da margem do rio, as lavadeiras estendiam os braços reluzentes da água na direção da colina, e no ar, ao sol, faziam uma grande cruz, dizendo para o empestado, longe demais para ouvi-las:

— Deus te dê o céu, meu filho!

Ao cair da noite, o enfermo despertou: sentia a cabeça em fogo, a língua áspera e pastosa e, de vez em vez, violentas picadas nas têmporas. Sem memória, a princípio, foi recompondo a custo, todo o incidente do dia até a hora em que rolou por terra, entre o gado, golfando bílis, repuxado de ânsias. No dia seguinte, de manhã, o médico do lugar subiu a examiná-lo. De pé, à distância do catre, interrogou-o e, antes que ele concluísse a exposição, tomou de uma carteirinha uma folha de papel e, a lápis, rabiscou a fórmula, retirando-se sem declarar a

moléstia, apesar das reiteradas perguntas de Raimundo que o seguia com o olhar apavorado.

Fora, a alguém, disse desanimadamente: — É a cólera!

Horas depois, trouxeram-lhe uma poção que ele engoliu com engulhos, caindo pesadamente sobre os panos, contraindo o rosto, cuspiendo grosso, enjoado.

À noite sentia-se melhor. Animava-o uma esperança de vida. Dormira sem ânsias, sem sonhos, mas acordara em sobressalto, com uma dor fina no ventre, como se lhe houvessem enterrado uma agulha pelo umbigo adentro. Era tarde: mais de meia noite.

Dos rumores do campo tinham ficado apenas o fresco ramalhar das árvores e o ronco perene das corredeiras que rolavam as águas pesadas por entre os penhascos escuros onde, pela manhãzinha e à tarde, nos pontos emergentes, apareciam negros de cana em punho, a linha a prumo na água, firmes e pacientes, esperando o repelão do peixe temerário. Um cão ladrava longe e, de instante a instante, o mugido melancólico de uma vaca reboava soturno e longo como o som rouco de uma buzina bárbara.

Raimundo entreabriu as pálpebras pesadas e quentes de febre, correu o olhar abrasado pelo quarto de reboco, pobre, iluminado por uma vela de carnaúb aespitada no gargalo de uma garrafa e, calcando o peito com a mão larga e bruta, a boca escancelada, chupou um hausto aflito, agitando a cabeça negra, revolvendo os olhos brilhantes, na agonia abafada dos dispneicos. Depois caiu num abatimento atônico, estendeu os braços ao longo do corpo e ficou imóvel, em aparente tranquilidade, sobre o jirau soerguido do solo por quatro espeques toscos e assim ficou a ouvir o rumor noturno, compondo toda a paisagem exterior que seus olhos não viam.

Dos alagadiços, em plangência lúgubre de reza, levantava-se o coro trêmulo das jias, por vezes cortado pelo coaxo ríspido e vibrante de um sapo retinente, de goela blindada, tão metálico era o grito que lançava do pântano verde e podre, coalhado de ervas.

Brusca, abruptamente, vencendo os murmúrios e os rumorejos, vieram aos ouvidos do enfermo, em tom gemente e soturno, ora mais graves, como se as vozes fossem ensurdecendo, ora vivas, desesperadas, em grita clamorosa, as doces palavras da ladainha. Ele as ouvia uma a uma, acompanhava-as, repeti-as mentalmente, com fé, e o cântico espalhava-se merencório pela noite, ora indistinto e vago, ora em toda pujança do coro enchendo o campo, indo pela mata, atravessando o rio, na espiritualidade do som, visitando todos os sítios e todos os enfermos como uma grande bênção geral, santificando a natureza e as almas.

Raimundo soergueu-se no catre e comovido, contrito, as mãos postas, a cabeça inclinada ao peito, pôs-se a dizer baixinho, acompanhando a ladainha noturna, o Ave, erguendo a voz, como se a Virgem não a ouvisse, quando a vaca solitária soltava ao seu gemido de mãe ansiosa a quem haviam roubado o filho para que lhe não esvaziasse as tetas.

Morrendo a oração, voltando o silêncio, Raimundo mergulhou sob as cobertas deixando um braço nu para tomar a bilha de água, posta no chão, ao lado da cama. Encostou-se ao rolo de esteiras que lhe servia de travesseiro e bebeu avidamente, a goles sôfregos e grugrulejantes, com a cabeça caída, o pescoço rijo, teso, os olhos em branco; depois acendeu o cachimbo e, maquinalmente, sem gosto, bafou a primeira fumarada.

### III

Ia já para duas semanas que ele ali estava estirado, imóvel, a tiritar de frio, ardendo em febre, numa intermitência constante, bebendo caldos magros, nutrindo-se de carne do vento e um bolo de arroz cozido em água e sal. Permitiam-lhe, como extravagância, o fumo e o seu consolo, quando se via só, nos insípidos meios-dias ensolarados, à hora em que as rolas se refugiavam no sapê, gemendo baixinho, era soprar cachimbadas para um quadro de assunto patriótico pregado na taipa, representando o imperador em Uruguaiana, fardado, calmo e firme, entre generais, a olhar sereno a culatra de um canhão que voava em estilhaços numa onda de fumo onde morriam soldados.

Às vezes, cantava sentindo virem-lhe à alma saudades antigas e a sua voz, grave e flébil, ia aos poucos desfalecendo e acabava em hausto - era a dispneia que o sufocava obrigando-o a recurvas de tronco e a invocações gemidas do nome de Jesus. Vinham vê-lo duas vezes ao dia - de manhã, um pequeno que lhe trazia o caldo numa marmita e o fumo picado dentro de um cestinho; à tarde, a velha Úrsula, cabrocha caduca e feiticeira que entrava resmoneando seguida de um cão leproso.

Abria a lata, ia à fonte encher a bilha enquanto o cão, a olhar Raimundo, raspava o ventre com a pata, ganindo baixo, frenético. Raimundo odiava Úrsula como todos os mais negros. Corriam versões trágicas sobre ela. Todo o sertão estava cheio do seu nome e mais da sua alcunha sinistra: a Caapora, talvez porque costumava vaguear à noite, mais o cão, através dos campos adormecidos, com o cachimbo enterrado na boca sem dentes, como o gênio da lenda indígena.



A sua oca, quase uma furna, cavada na barreira, à margem do rio, era o terror de todos; à noite ninguém se aventurava a descer a rampa, com receio de um encontro com a bruxa! Os que a viam passar, ao sol dos grandes dias caniculares, cabeça nua, descalça, remoendo as maxilas como um ruminante, com as carnes ressequidas apontando pelos rasgões da saia, apoiada a um pau, parando, de vez em vez, para olhar o céu, sorrindo, a balbuciar palavras misteriosas para o alto, as mãos juntas, num ofertório místico, recuavam esconjurando-a. Os pequenos, de trás dos moirões, jogavam-lhe pedras. O cão, um velho podengo magro, entanguido, sem pelo, a cauda cortada rente, seguia na sua sombra, rosnando a todos com ódio.

Afirmavam que, pelas noites escuras, à hora satânica do curupira, Úrsula tomava o caminho do Areal, campo árido onde se enterrava, para profanar as covas, roubando os ossos das crianças mortas sem batismo. Guardava-os e, na hora média da noite cabalística de agosto, quando os ventos de São Bartolomeu varrem serras e vales, queimava-os para fazer com as cinzas brancas o segredo terrível dos seus filtros. Havia quem jurasse que o cão pelado que a seguia sempre era o diabo. Era ele que lhe ensinava toda a sinistra magia, velando com ela até a hora do canto do galo quando se recolhiam aos mesmos panos, juntos, como dois amantes, tanto que, pela madrugada, uivos ferozes acordavam o silêncio como o alarma sensual do conúbio macabro.

Úrsula vivia defendida pela lenda, e apesar do horror que inspirava, tropeiros compassivos atiravam-lhe esmolas.

Raimundo tinha-lhe asco e medo. Em outra ocasião, teria trancado a sua porta para que a bruxa nem lhe visse o quarto, mas só e enfermo, abandonado de todos, sem o conforto de uma amizade, sentia-se mais animado quando ela aparecia. E dirigia-lhe a palavra com carinho, instava com ela para que ficasse, agradecendo-lhe muito o trabalho que com ele tinha, por humanidade, de boa que era, e queixava-se dos outros que, por não terem coragem de afrontar a moléstia, recorreram à maldita para que se encarregasse dele.

E chamava-a: queria-a ali, junto do catre, a contar-lhe o que ia lá por baixo: se a peste abrandara, quem morrera na véspera, porque o sino dobrara funebremente todo o dia, se um grito que ouvira alta noite fora de algum negro castigado pelo feitor Cabinda. Úrsula, porém, não dava resposta: ia por diante a resmungar uma espécie de canto monótono, em língua da África, dando voltas no quarto, passeando um fogareiro de barro onde ardia alfazema, os olhos baixos, as mamas flácidas, bambas, dependuradas, fazendo chocalhar um colar de búzios que lhe cercava o pescoço engelhado. Depois, erguia-se mascando com as gengivas sem dentes, cuspiam para os cantos a pasta negra do fumo,

puxava a camisa, guardava as pelancas dos peitos e, com um grunhido, chamava o cão e partia resmungando o seu canto monótono, sem voltar os olhos, batendo com a porta. Enfiava depois o braço magro por um buraco aberto na taipa para dar volta à taramela interna.

Raimundo sentava-se, tomava o prato ao colo, sobre as cobertas e com os dedos esfiava a carne que ia comendo enjoado, a ouvir o arrulho jururu dos pombos no sapê e os gritos do bem-te-vi, cortando vibrantemente o chio vespéral das cigarras. E, sem ver, compreendia que era a noite que vinha e, mal o sino dobrava no silêncio aromalíssimo da tarde, benzia-se, fazia luz no quarto e mergulhava debaixo das cobertas molemente, pensando, com terror, na insônia apavorante.

#### IV

Estirado, imóvel, com os braços por baixo da cabeça, Raimundo não desviava os olhos de uma frincha aberta no sapê, através da qual via reluzir tremulamente, no céu alto e profundo, perdida na treva noturna, uma grande estrela clara. Longe de todo pensamento, na inércia flácida da modorra, ia adormecendo quando lhe pareceu ouvir, destacando-se dos vagos rumores de fora, familiares aos seus ouvidos, a voz meiga e suave de alguém que cantava, enchendo de alegria a noite com o quebranto lânguido de uma lírica de campo. Aprumou a cabeça, conteve a respiração e ouviu bem, numa vocalização clara, estes versos de queixa e de melancolia:

Quem sentir na alma a ferida  
Aberta pela saudade,  
Não conte ter mais na vida  
Descanso e tranquilidade

Com a boca entreaberta, os olhos fitos no teto, ouvia os sons da cantiga num ritmo preguiçoso e doce, repassada de uma prolongada tristeza para o fim, ao cair da última palavra.

Depois foi um suspiro de desafogo, um ai! cansado, solto em ofego e, quase ao mesmo tempo, a porta tremeu, sacudida; tremeram as roupas dependuradas dos muros, a taramela rangeu e assomou no limiar uma mulatinha trêfega e risonha, garganteando as notas do estribilho.

Raimundo voltou-se, cerrou as pálpebras e, com a mão à altura dos olhos, em pára-luz, espiou e pela porta entreaberta viu rapidamente, como numa fuga,

o céu sereno, recamado de estrelas, a lua claríssima e tufos balouçantes de árvores escorrendo brancuras lúcidas. Mas a porta bateu empurrada pelos braços carnudos da mulata, que ficou a dois passos do catre, tirando com vagar uma toalha da cabeça, que preservava seus cabelos de azeviche do sereno da noite e, lânguida, fitou o enfermo com um olhar morno e voluptuoso, sorrindo, com duas covinhas nas faces.

— Que está olhando? Não me conhece? Parece que nunca me viu! E de improviso: Está melhor?

Raimundo meneou a cabeça tristemente, sem apartar os olhos da rapariga.

— Se você não come, Mundico .... Com esforço o enfermo ergueu-se sobre o cotovelos e recostou-se ao palhegal que lhe servia de travesseiro, atulhou o cachimbo, acendeu-o, perguntando por entre bafos de fumo:

— Que há de novo?

— Que há? Que há de haver: peste. Ainda hoje a Toma enterrou o filho. Ficou como doida, coitada! O pequeno morreu nos seus braços; e sentenciou:

— E dizem que pega. Sentou-se em um mocho e, desabotoando o corpinho de cassa, continuou: —Tio Cândido também lá foi.

— Duas febres?

—Não sei. Morreu trabalhando. Foram achar ele entre as taquaras das suas gaiolas, caído de bruços, com a cabeça enterrada no chão. Venâncio disse que foi de velhice. Raimundo guardou silêncio, voltou a contemplar a estrela, mas, de repente, batendo com o cachimbo à beira de um caixote, perguntou:

— Era você que vinha cantando?

— Então? Era eu, sim. E inclinando-se abriu um baú de couro e foi amontoando roupa branca sobre um velho pano de algodão, cantarolando sempre, à claridade lívida da vela.

— Pra que é isso, Lucinda?

— Vou mudar de camisa.

Raimundo franziu o sobrolho, ferido pelo ciúme. Perguntou desconfiado:

— Pra quê?

— Pra quê!? Retrucou asperamente a rapariga desembrulhando as peças com mau modo:

— Pra quê!? Então, hei de me deitar assim, com a roupa suada? E de pé, despindo estabanadamente o corpinho, tomando a camisa pelo crivo do cabeção,

sacudiu-a, tufou-a, mostrando as nódoas. — Olha só. Nem parece roupa de gente. É gordura só.

O morim, recaindo no colo, ficou alto, acusando o contorno rijo dos peitos, com um remate mais saliente dos bicos, descendo em linha curva, num constante e turgido ondular macio. Um cheiro forte de erva silvestre desprendia-se das roupas e a sombra da mulata, quebrando-se no ângulo do muro, corria em oblíqua pelo teto e, obscurecendo uma parte do quarto, bailava com o frêmito incessante da língua acesa da vela que espirrava de momento a momento, espichando-se num morrão negro e fuliginoso.

— Vira a cara, Mundico. Deixa eu mudar a camisa.

— Ora! Fez o enfermo enjoadamente.

— Vira a cara! ... Tornou a rapariga choramingando, dengosa.

— Deixa de luxo! Rugiu furioso, dando um murro no catre. Parece que nunca te vi nua. Um diabo que se despe à vista de todo mundo.

— Malcriado! Rosnou Lucinda e meteu-se para um canto. Curvando o busto safou a camisa suja, prendeu-a nos sovacos para esconder os peitos, com o queixo enterrado no colo, uma ponta de crivo nos dentinhos, estendendo os roliços braços nus para abrir a camisa lavada, de onde caíam pequeninas folhas secas e passou-as rapidamente pela cabeça, enfiou os braços, deixando escorregar a camisa suja ao longo do corpo, sacudiu-se e, alisando os cabelos, recomeçou a cantar:

Meus olhos choram mais água

Do que qualquer riachão!

E não há seca que os seque

Porque não morre a aflição.

Num arranco de despeito, Raimundo esbravejou:

— Cala a boca aí! Ah! Também! Tanta cantiga! Nem vendo a gente doente.

— Minha cantiga não mata ninguém.

— Ah! E voltou-se para a parede, amuado.

Ela estacou de cólera, mordendo os beiços, bamboleando o corpo; por fim, acalmando-se, chegou-se à luz com a saia, vestiu-a, alisou a camisa, fê-la correr corpo abaixo, pelo ventre, pelos quadris e, farejando os ombros rapidamente, voluptuosamente, com os lábios franzidos em bico, respirou forte balbuciando: — Agora sim.

Completando o vestuário com um paletó de cambrinha com entremeios, alisou de novo os cabelos e, passando a toalha pela cabeça, disse alto, resolutamente:

— Até amanhã.

Raimundo voltou-se de repente e encarou-a.

— Vou-me embora.

— Não! Rugiu o vaqueiro impetuosamente, com os olhos como duas brasas:

— Que é que você vai fazer?

— Uai! Que é que vou fazer? Gentes ... Parece tolo. E naturalmente: Vou dormir, pois então?

— Antigamente, enquanto eu podia gastar, você dormia aqui, agora ...

— Mau! Mau!

— É sim: eu sei. E triste: — Pois vai! Mas, arrependido ao mesmo tempo, enterneceu-se, ameigou-se: —Vem cá, anda! E estendeu um braço para recebê-la.

Ela, porém, compondo a roupa, o rosto baixo, sorrindo, murmurou com um beicinho: — Eu, não!

— Ora, Lucinda ... implorava Raimundo abrasado, com a voz trêmula.

— Você está doido, Mundico? Quero lá sair daqui com a peçonha da peste. Deus me livre! E, de repente dando uma volta:

— Até amanhã!

— Não! Vem cá!

— Que é?

— Vem cá! Escuta!

Lucinda sacudiu a cabeça negativamente. Raimundo fitou-a com um olhar cheio de ódio e disse:

— Já sei ... Hoje é com Esaú. E, franzindo o beijo em comissuras de escárnio: — Não tem vergonha ...um negro de roça.

— Que Esaú! Gritou violentamente a mulata como se um chicote a tivesse ferido. — Já se viu um homem doido assim? Só porque vim mudar a camisa já está o diabo dizendo que vou dormir com outro. Pensa você que não tenho mais o que fazer? Ora, meu amigo ... E deu-lhe as costas. Se eu não tivesse o meu baú

neste maldito quarto, não punha os pés aqui. Não, que não hei de ser tola toda vida.

Amanhã acaba-se tudo, mando buscar o que é meu para não andar com feitores tomando conta do que faço. Quem me podia governar já Deus tem na sua glória. E apanhando o rolo de roupa que tinha aos pés, mostrou-o: – Você queria que eu deitasse com esta imundice no corpo? Não que, graças a Deus, aprendi a ser limpa. E resmungando: – Esaú ... Esaú ... Voltou-se num acesso de ira. O que você quer sei eu ... Mas isto ... Iche! E soltou um muchocho escarninho. Diabo de homem! Nem doente ... Não faltava mais nada senão vir eu mesma buscar o mal por minhas mãos.

– Eu já estou bom ...

– Muito! Está aí ardendo em febre.

– Mas que tem isso? Desde que não pegue ... A Toma não esteve com o Nazaré nos braços?

– Sim, mas era seu filho.

Houve um silêncio. Os olhos de Raimundo reluziam com um fulgor de chamas, o seu largo peito ossudo arfava num ansiar constante, as narinas, sofregamente dilatadas, palpitavam.

– Um beijo só, Lucinda, e eu fico bom.

– Oh Senhor, que homem! Áspera e aborrecida, adiantou-se até o catre, entregou a face de um moreno fino e disse como um balbuciante: – Tá!

O negro, ardendo em luxúria como um fauno, ergueu-se a meio e com as mãos ambas travou-lhe de um pulso, puxou-a. Ela gritava: “que a estava machucando, que a deixasse, não fosse bruto, tivesse modos!” Ele não ouvia, procurava-lhe a boca vermelha com ânsia, ofegando, mas Lucinda, fugindo sempre, com o rosto voltado, de lábios cerrados, resistia até que, com um empuxão mais forte, libertou-se, indo cair de encontro à parede, extenuada.

– Oh! Você não tem juízo Mundico? Isso até é maldade.

Raimundo, flácido, sem energia, com os beiços juntos, implorava beijos.

Lucinda sacudindo a roupa, evitava-o:

– Na boca, não!

– Você tem nojo de mim?

– Não é nojo, afirmou complacente. Tenho medo da moléstia. Na boca não, sim?

– Então não quero.

– Pois não queira. Que teima! Para eu pegar a peste!

– Vai-te embora!

– Vou mesmo ... Dirigiu-se para a porta e, já com a mão na taramela, acenou, com faceirice, um adeus! Até amanhã.

O negro rosou um desaforo.

– Come, porco! E saiu batendo com a porta; antes, porém, de fechá-la, falou para dentro: – É melhor que você reze por mãe Dina que hoje faz um ano de morta. E deu volta à taramela.

Raimundo, furioso, atirou-lhe um impropério. Uma gargalhada reboou no silêncio e logo depois a voz meiga de Lucinda recomeçou a cantiga que foi, aos poucos, morrendo, até que nada mais se ouviu, interrompendo, de chofre, o novo silêncio o mugido angustiado da vaca solitária.

Lembrou-se, então, do seu gado, a nutrida ponta de garrotes rijos, todos de fama, reviradores de mata, catingueiros sabidos. Eh! Bichos ... boiadazinha de fiança aquela! Quando era para tocar aquele tumulto, que de sustos na gente da redondeza e quanto arrojo da rapaziada limpa. Aquilo é que era! Arranca daqui, bem estribado, investe dali, espera de frente, ferra, atropela, arriba e larga na carreira solta por matos e gargantas, sustenta o choque do bicho, com a vara feia à carranca e toca! Eh! Boi ... E mete no bando e vira. Agora a toada, e lá vai no passo miúdo dentro do pó dourado estrada fora, rompendo o caminho, com a alegria das frautas e o descante bravo da parceirada.

Voltou-se no catre e, enrugando a fronte, pensando, de novo, na mulata arisca, atirou um murro à parede, esfarelado o adobe:

– Deixa-te estar, mocambeira ... só se eu não me levantar desta cama.

Não, que não sou poaia como o outro que você trazia minguado, chorando no rasto do teu vestido. Comigo ou é ou não é: no prato em que eu como ninguém bota a mão, isso nem que Deus mande. Nós havemos de ver. Esticou-se no catre cruzando as pernas, com os braços por baixo da cabeça, imóvel. Ardiam-lhe os olhos - fechou-os em modorra, mas despertou subitamente sobressaltado com um pesadelo - ia rolando por um desfiladeiro de rochas escarpadas, ferindo-se nas arestas agudas das pedras, para um escuro e profundo abismo. Respirou ansioso e acalmava-se quando um berro o fez estremecer - era a vaca saudosa na caiçara da colina.

## V

Esse mugido lúgubre, isolado na tranquilidade do silêncio, impressionou-o, bem que ele soubesse de onde vinha e conhecesse como ninguém, a Fula, que fora metida num cercado, longe dos bois e dos novilhos que ela varava a cornadas terríveis quando estava de cria e os apanhava ao alcance do seu chifre fino e reto, tão temido e celebrado que até entrava nas trovas dos campeiros da casa. Ele bem sabia que era a Fula, sozinha e triste, que mugia na prisão com saudade do bezerro, mas, certo pressentimento, as últimas palavras de Lucinda: “É melhor que você reze por mãe Dina que hoje faz um ano de morta ...” encheram-no de apreensões, filhas de um terror secreto. Temia as sombras, o mesmo sarrido da sua respiração augusta fazia-lhe medo. Teve ímpetos de fugir, de saltar do catre para o monte, descer até a primeira senzala onde houvesse gente, vozes, rumor de vida, enfim. E, apesar de todos os esforços que fez para por cobro aos assaltos pávidos do medo, para desviar os pensamentos sinistros, pôs-se a recapitular fatos de muito tempo sucessivamente, continuamente, tendo de todos a visão exata, a impressão perfeita como se retrocedesse no tempo, voltando a viver a mesma vida extinta, não na ilusão de um sonho, mas com a intensa sensação de uma realidade visível.

Fechou os olhos, cobriu a cabeça, mas na sombra asfixiante e morna, surgiu primeiro Albina: uma rapariguinha de nove anos, magra, doentia, de olhos tristes e úmidos, rojada pelo seu braço forte à beira d’água, na areia, entre os cajueiros, a gemer, maculada de sangue, com as duas mãozinhas no ventre nu, exposto à lua, num abandono doloroso, depois de uma luta em defesa do seu pudor e da sua virgindade enferma, sem socorro, num ermo sombrio, enquanto ao longe os negros, em samba, batucavam com estrupido rouco nos tímidos tambus.

Estremeceu, sacudiu as cobertas como para enxotar a visão e percorreu o quarto todo com um lance de olhos, alucinado, febril, murmurando nervosamente:

“Diabo! Diabo!”

Da zoada do vento que vergava os ramos, partiam silvos como se demônios aéreos andassem pelos tufões, aos rebolos, dançando a ronda gnômica da noite e no sapê do teto, para aumentar-lhe ainda mais o pavor, corriam e guinchavam timbus.

Um nome foi, aos poucos, subindo aos seus lábios e impôs-se com a violência das cheias escachoando nas represas; ele resistia fugindo a



pronunciá-lo, mas baldado foi o esforço - o nome saiu-lhe da boca, involuntário como suspiro:

“Mãe Dina!”

Torceu-se de ódio e esmurrou desesperadamente a parede num acesso de indignação contra o seu espírito fraco. Forçou a coragem, tentou chamar o ânimo, mas abateu no terror, vencido, inerte, cheio de recordações, qual delas mais trágica.

Incoercível, latente, o nome fatal ralava-lhe a alma como o eco de uma maldição. Súbitos tremores sacudiam-no em arrepios e os olhos, muito abertos, anuviados de assombro, ardiem fosforejantes como as pupilas dos tigres.

A vela gasta tremia no gargalo da garrafa alimentada por um pouco de carnaúba que escorria em lágrima escura para o bojo e do bojo ao chão; a chama crepitava estertorando. A claridade oscilava numa intermitência de relâmpagos e sombras; nos cantos a penumbra ia-se tornando carregada. As roupas, estendidas nas cordas, bailavam e as suas silhuetas estampadas nos muros, tomavam formas extravagantes de espectros bizarros - uns de braços pendentes, caídos bambos para a terra como se fossem mergulhar em túmulos, outros agitando pernas em estrebuchamentos de morte; e o baú alargava uma grande mancha ferrugínea que vinha até o leito como a invasão da treva chegando aos poucos, lenta traidora.

E “Mãe Dina! Mãe Dina!” sempre como um remorso.

Subitamente, enterrando o rosto nas esteiras, com os braços pela cabeça, o ventre na palha do leito, Raimundo, sem poder evitar a recapitulação tenebrosa, viu distintamente todo o seu negro crime:

No arrozal verde gaio, junto de um pântano onde as jias moles, de olhos esbugalhados, gozavam o sol, entre as ervas floridas, a negra, sentada, com a sua colheita de inhame, a cabeça nua, ao sol, fumava melancolicamente com os olhos perdidos no horizonte esbraseado que rematava aquela campina rasa, pontuada de toros adustos, de onde o vento levantava nuvens pardas de cinzas que restavam das queimadas de agosto.

Errando ao acaso pela vizinhança do pasto onde os seus bois, abochornados pelo calor do meio-dia sufocante, ruminavam deitados num silêncio, e numa imobilidade de tela, Raimundo, que andava à cata de amores rondando os tejupás da roça, deu de frente com a velha.

— Bênção, Mãe Dina!

Levantando a cabeça enrolada em um pano de riscado, à maneira de trunfa, a negra cruzou no ar a bênção e cuspidando para um lado, resmoneou:

– Bênção de Deus!

Raimundo, de pé diante dela, interrogou-a sobre seus negócios perguntando com interesse pela criação e pela cultura da sua roça de milho. A velha desceu o olhar dizendo:

– Vai como Deus quer ...

– Vosmecê como o que tem, mãe, podia viver descansada, se quisesse.

Pagava a nossa liberdade e íamos trabalhar juntos num canto qualquer. Vosmecê sabe: não há trabalho que me faça medo. Com o que sei fazia uma casinha para nós dois e, em pouco tempo, podíamos ter com que passar os dias.

A velha conservou-se imóvel.

– Tenho um conhecido que se ofereceu para tratar da minha liberdade ... Falo com ele sobre vosmecê. Se vosmecê quiser ...?

Dina, calma, sempre a fumar o seu pito, sacudiu a cabeça negativamente.

– Por quê? Mas vosmecê não pensa em deixar esta sina de cativo?

– Nasci assim! Disse com acento doloroso, erguendo os ombros.

– Mas olhe que a velhice está aí. Vosmecê já não pode com o cabo de uma enxada.

– Quem? Exclamou com arrogância. Ainda não pedi a ninguém para fazer a minha tarefa.

– Mas não é melhor que a gente trabalhe para nós? Não é melhor ser livre?

– Ora! Há muito cativo no mundo de Deus ...

– Se há é que nenhum pode fazer como vosmecê, se quisesse ... Os outros não têm posses.

– E eu? ... Que é que eu tenho? Trapos.

– E dinheiro. Concluiu o filho.

A negra abriu muito os olhos num pavor de usurária e, franzindo a fronte, encarou Raimundo:

– Dinheiro! Ah! Eu tenho dinheiro? Pois sim ... E serenamente: – melhor para mim. Se tenho é meu.

– E meu, que sou seu filho.

– Ahn! Meu filho! ... Tu!? E sorriu com amargura. – Meu filho por causa do dinheiro, mas para vir à roça comigo ao sol e à chuva você não é meu filho. Para cuidar de mim quando adoecer, para me trazer um caldo quando o mal me atira no fundo de uma cama, para me acompanhar quando gemo só, sem alguém que me acuda, você não é meu filho. Para roubar ... Para roubar é que você é.

– Roubar, não, porque se eu quisesse já tinha feito.

– Isso sei eu. Negro da tua laia é capaz de tudo. Ainda não esqueci o murro que você me deu... Mas se há Deus no céu...

– Ora, aí vem vosmecê com os seus ditos. O melhor é decidir de uma vez.

– Quer ou não quer?

– O quê, rapaz? Dar dinheiro? Não! Já disse.

Raimundo sofreu um movimento de cólera, trincou o beijo grosso e pôs-se a andar de um lado para outro como uma fera em jaula, furando a terra úmida com o ferrão do cajado. Dina, indiferente, ergueu-se e, de costas para o filho, começou a fazer molhos de inhame para carregá-los. Raimundo, que desconfiava de que ela trazia sempre o dinheiro consigo, ficou a examiná-la, procurando descobrir o esconderijo da fortuna tão avidamente desejada, quando viu uma pequena bolsa que lhe pendia do pescoço, presa por um cordel. Mirou-a muito com olhar cúvido e, não podendo furtar-se à ânsia que o dominava, atirou-se à velha de chofre, num bote de tigre e, rápido, dando repetidos empuxões ao cordel, rebentou-o violentamente. A negra soltou um grito e, com uma volta brusca, agarrou-se às pernas do filho, mordendo com as gengivas, rosnando rouca e em fúria: “Larga, ladrão! Larga, ladrão!”

Raimundo debatia-se procurando libertar-se, com a bolsa sempre fechada na mão, com medo de perdê-la: "Sai! Sai!" E sacudia-se na pressão nervosa dos dois braços maternos que o mantinham inerte, como num tronco de ferro. Num impulso mais forte conseguiu safar uma perna e, alucinado, em ódio, atirou um pontapé que apanhou a negra em pleno peito, arrancando-lhe um gemido cavo.

Ela ainda ergueu-se tonta, ele, porém, recuando, brandiu o ipê e vibrou uma bordada em cheio no crânio nu, porque a trunfa, que se desenrolara durante a luta, deixara-o descoberto.

O corpo abateu com estremeamentos. Num arranco, num impulso de vida, quase se ajoelhou, mas vergou de novo até a borda do pântano e rolou mergulhando, na água verde e turva onde as jias afundaram.

Raimundo deitara a correr aterrado mas, numa angústia suprema, voltou-se e quis ver: borbulhas de sangue subiam à tona da água, o corpo, meio em mergulho, meio em terra, inteiriçara-se, as pernas nuas, esqueléticas, tremiam na erva e um braço hirto, fugindo de entre as folhas aquáticas, agitava uma mão seca, espalmada, com os dedos apartados, a tremerem também, lançando ao ar mudo e à consciência do assassino uma sentença ou um perdão piedoso.

Não pôde olhar mais. Fugiu para junto dos bois e no verde campo, na paz singela e bucólica, quebrada pelo vagaroso e surdo mugir de algum touro, examinou o seu roubo - era um escapulário, continha rezas. De raiva, então, ou com remorso, desatou a chorar com a cabeça entalada entre os joelhos enquanto os carreiros cruzavam as estradas longínquas, pondo na monótona e inquebrantável tranquilidade meridiana, toadas sentimentais de cantilenas.

O crime foi atribuído aos ciganos - horda nômade que infestava o sertão, saqueando os paióis e os currais, assaltando as cabanas e até roubando crianças para malefícios, como diziam os caboclos.

Ele mesmo retirou o corpo da água, não sem tremer ao dar com os olhos na fratura do crânio da velha, muito aberta, de onde escorria uma pasta mole, brancacenta, com estrias de sangue. Enterrou-a junto do pântano, floriu o túmulo à maneira indígena e fincou com suas próprias mãos a triste cruz da saudade. Mas nunca! Nunca mais pôde esquecer o gesto da morta que lhe ficou na lembrança sempre, como uma praga vingadora que ela não pudera soltar porque a água verde enchera logo sua boca raivosa. E nunca conseguiu saber que vingança a velha negra pedira aos céus e a Deus naquele gesto hirto, exalando, ao coaxar dos sapos verdes, com a boca nas raízes das ervas podres, a sua alma supliciada pela maternidade e pela escravidão.

## VI

Com essa recordação trágica, revolvendo na alma todo o seu passado sombrio, Raimundo não conseguia aquietar-se. Irritavam-se-lhe os nervos, encheu-se-lhe o coração de sobressaltos. Parecia-lhe que de todos os lados bocas invisíveis soltavam gemidos abafados e que as sombras das roupas que pendiam das cordas, movendo-se nos muros, cresciam desmesuradamente, aproximando-se com o silêncio, com a leveza sutil das coisas fantásticas. Os olhos do enfermo não se podiam arredar da porta, fitos, secos, fuzilantes, magnetizados pelo terror.

O coração precipitava os movimentos e os membros, em uma frouxidão de covardia, lassos, estirados, pareciam presos nos liames de uma anquilose súbita.

Um ímpeto de força nervosa fê-lo sentar-se; correu a vista atônita, apavorada, por todo o recinto, com anseios de asfixia, apoiado às mãos, tremendo como se o agitasse um fluido; outro impulso atirou-o ao leito com a brutalidade de um empurrão violento.

Subitamente caiu uma grande sombra. A vela extinguiu-se de súbito e, por todas as frinchas do teto, pelos interstícios do sapê, pelas aberturas da taipa dos muros, entraram raios e nimbos da lua da meia-noite. A alma clara do silêncio invadira o aposento estriando a treva de palores, tornando-a mais lúgubre com a sua tatuagem diáfana. A calma pairava; os próprios grilos domésticos, surpreendidos pela invasão tenebrosa e pela visita triste do luar, calaram-se. O enfermo sentiu-se mais isolado ainda.

As visões começaram a surgir como se lhe subissem do coração em tumulto, precipitando-se, atropelando-se num revolteio satânico. Eram lumes errantes que flamejavam no escuro, fulvos, vivos como os pirilampos: abriam-se em halos, retraíam-se e desapareciam repentinamente. Eram manchas, mais negras do que a própria treva, voando como enormes vampiros de um para outro ponto, alongando asas bífidas e, de momento a momento, num trino crebo, um grilo cantava. No ar espesso havia um frêmito de voos. Incerto e trêmulo, vacilando como ébrio, Raimundo ergueu-se do leito, descalço, arrepiado; abriu os braços e, às apalpadelas, cego no horror da sombra, foi experimentar a porta a ver se estava bem fechada, assaltado pela ideia de uma visita de bruxas.

De pé, no meio do quarto, seminu, arrastando o lençol branco, tiritava gelado, suando frio como se estivesse sobre um campo de neve fustigado por um vento glacial. Sentia uma estranha sensação de abandono. O terror crispava-o e interiormente, como se o seu espírito tremesse, corriam, coriscavam frêmitos de assombro.

Colou o ouvido à porta, arfando, e percebeu distintamente ânsia de um soluço - talvez o vento soprando ao longe nos penachos de bambu, talvez a água do rio rolando estuosa por entre as penhas. Deteve-se contido, sem pestanejar sequer, vergado, as mãos nos joelhos, a cabeça encostada à porta como que auscultando a palpação da noite e ouviu o estrepido rápido e ríspido da tritura de maxilas, dentes secos trepidando numa estralada infrene.

Empinou-se abrupto; a boca escancarada em hiato, o olhar gázeo e turvo, apalpando o escuro, titubeante e trôpego. Quis recuar, mas um poder estranho soldou-o ao posto horrível. Transido de pavor, foi involuntariamente derreando

o busto e, de novo, encostou o ouvido à porta: o rilhar dos dentes aumentava, mandíbulas matraqueavam e, de vez em vez, a madeira rangia, estalava à pressão dos dentes que a trincavam. E, enchendo o silêncio, o áspero roque-roque espectral crescia assombroso e terrível. Foi tão violento o pavor que o negro abateu pesadamente, rolando sobre um monte de panos úmidos que atulhavam um canto do quarto e, agachado, com o rosto na terra, pôs-se a espiar pela aberta da soleira da porta tentando descobrir o vulto do duende que errava pelos campos com tamanho estridor.

Nada viu; mas de um salto, arrastando todos os trapos que encontrou ao alcance dos dedos crispados, pôs-se a calafetar as fendas, abafando a luz para que também o lâmure não conseguisse passagem. Mas o ruído crescia forte, estrupidamente, célere, igual ao que seus dentes faziam, na convulsão da febre que lhe voltara.

Fortificado, esperou, de cócoras, com as duas mãos à porta, opondo resistência aos empurrões da ossada perseguidora. Debalde porém: seus pulsos enfraqueciam, o suor pingava em grossas gotas perenes, faltava-lhe o ar, os joelhos curvavam-se trêmulos, moles, e recuando, sempre com os braços estendidos, num gesto duro de repulsa, a boca escancarada, os olhos paralisados, caiu de costas, soltando, num suspiro estremecido, o nome da assassinada: “Mãe Dina!”

Foi como um apelo. A porta frágil estalou; mais forte rangeram os dentes, seguidos de um estralejar de ossada tripudiante. Raimundo ergueu-se medroso e feroz; encostou-se à porta, firmando-se nas pernas retesadas, os cotovelos fincados resistentemente. Tudo era em vão: a madeira fendia-se quase sem bulha, como desfazendo-se – foi caindo aos poucos, tábua por tábua, roída pelos dentes que batiam sempre, até que nada mais houve e o céu e o campo, iluminados opalicamente, ficaram defronte adormecidos num sono tranquilo, ao luar.

À claridade fria da grande lua, Raimundo viu, emoldurada pela porta, coberta de algas e de jias coaxantes, a boca gotejando a água podre do pântano, toda enroscada de ervas, o crânio fendido, a tirar lentamente, com os ossos dos dedos, partículas de miolos roxos e rãs pequeninas, verdes, de olhos fosforescentes, Mãe Dina, a morta, com um braço erguido, hirto, os dedos apartados num gesto terrível de ameaça. Um grito formidável atroou a noite serena. A aparição quieta, sempre a esmigalhar miolos na ossaria amarela dos dedos, acendia, de vez em quando, nas órbitas escuras, o fulgor de dois fogos fátuos. De momento a momento os dentes nus rangiam e os sapos que a cercavam, como se ela fosse a deusa lutulenta dos paúes, coaxavam

arrastando-se pela terra ou aos saltos, com um bater oco dos ventres, em torno dos ossos dos seus tábidos pés.

Raimundo, ao fundo do quarto, agitado por tremuras, caído de encontro ao muro, procurava pela parede o seu facão de mato ou o seu forte cajado de ponta de lança, mas a sua mão incerta apenas encontrava os farrapos pendentes. Os sapos, aos pulos, invadiam o interior, espalhando um fosforejar túbio de chama tumbal.

Raimundo sentia já pelos seus pés arrastarem-se as jias viscosas, outras, esparrimadas, fitavam-no com os bugalhos dos olhos. Ergueu a cabeça com ânsia e no céu grande, calmo, bordado de astros como um mapa suspenso dos mundos luminosos, as estrelas deformavam-se esverdeando-se e, de repente, saltando de um para outro ponto, chatas, repugnantes, semelhando rãs, espalharam pela tranquila noite luminosa um sidéreo coaxo soturno.

A avantesma aliciara todos os elementos da noite para um apocalipse de morte. Os astros puros concorriam, todo o céu cedera o seu contingente fulcite para o *sabbat*. As estrelas descreviam parábolas terríveis cortando a sombra de sulcos lampejantes; nuvens de formas bizarras, pandas, varriam o espaço como uma rolda de bruxas, precedidas por um cumulus tetérrimo, do feitio de um barco, de onde saltavam estrelas coaxando. O próprio vento, que a princípio amainara, soprava com estrupido derreando os ramos e dando vozes a toda a vegetação sombria que ululava pavorosamente. Raimundo, terrificado, encantou-se, mas as suas mãos não cessavam de arranhar a parede; bambaleava-se com urros surdos.

Estremeceu. Na sombra tinira um ferro...Subitamente, num salto de tigre, achou-se no meio do quarto, firme, os dentes cerrados, empunhando o seu grande e largo facão de mato. O olhar imóvel desafiava o esqueleto impassível e o braço armado agitava-se nervosamente fazendo reluzir a lâmina afiada ... Mãe Dina adiantou-se com um chocalhar de ossada. Ao passar do vento, os panos que lhe cobriam os ossos espadanavam e, às rajadas mais violentas, voavam farrapos negros para a noite. O assombro guardava um resto de pudor: com os dedos ajustava os trapos, encolhendo-se bem para que os olhos do filho não vissem a nudez do arcabouço, mas tinha de abandonar os panos para alimpar o crânio das pastas de miolos que escorriam da fratura hiante.

Outro passo da morta: acharam-se frente a frente. Raimundo não hesitou: deu um salto, o braço erguido, caiu de ímpeto sobre a ossada e, com rugidos ferozes, os beiços brancos de espuma, cravou-lhe repetidas vezes o facão no

peito aberto, arrepiando-se, recuando quando a lâmina rangia nas costelas terrosas.

Mãe Dina defendia-se ameaçando-o com as mandíbulas que tatalavam macabramente e, de uma vez, conseguindo apanhar-lhe o pulso, cravou-lhe os dentes com fúria, retalhando os músculos.

Raimundo soltou um grito abafado e, de um pulo, ganhou a claridade, baixou os olhos para examinar a ferida e, à luz da lua, descobriu, com horror, na chaga gotejante, um refterver de vermes moles.

Repugnância a princípio, nojo depois, asco e, num crescendo rápido - o pavor. Arrepiava-se vendo multiplicarem-se fervilhando, como em chaga de gado, as varejeiras da Morte. Sacudia-as com movimentos trêmulos e precipitados, umas caíam, outras vinham em rosca, a pino, coleando, moles, lisas, úmidas, borbulhando do laivo em sangue como lesmas saindo de uma fenda.

Seu rosto transfigurado contraiu-se num ríctus disforme e foi a mais e mais até a convulsão de toda a fisionomia: enrijou-se, trincando os dentes, a cabeça quase enterrada no tronco, numa deformidade de múmia. Olhava idiota, desvairado, com um solavanco de todo o peito. De repente, rompeu a chorar sem lágrimas, soluços, soluços secos e caiu de joelhos, ficou depois de gatinhas como um batráquio, firmou-se, quis erguer-se, mas rolou de flanco numa estúpida inércia, rosnando: “Minha mãe! Minha mãe!”

Uma ideia gerou-se-lhe no espírito: - Mãe Dina queria-o para o túmulo, queria-o para o seu canto de terra, junto do pântano verde. Enterrado vivo! E, como se a cova se fosse, aos poucos, fechando sobre seu corpo, sentia a longa e pesada dispineia das asfixias e nem ar para fazer um grito! Nem ar para dar vida a uma palavra de misericórdia!

O terror reanimou-o. A traiçoeira perfídia sugeriu-lhe um meio de defesa violento e forte; era o derradeiro esforço que ia tentar. Moveu-se e foi, quase de rojo, caminhando de pés e mãos como os símios, lento, lento, até junto do esqueleto.

Estacou mirando-o; ergueu-se de improviso, abraçou-se com a ossada, apertou-a, apertou-a como se a quisesse esmigalhar, sem sentir a cisura dos ossos que se lhe enterravam pelas carnes do peito, rasgando-o, furando-o, como punhais agudos.

As forças abandonaram-no - ainda assim pôde sustentar a luta algum tempo, alentado pelo terror, com a bravura do desespero. Quando deu por si estava fora, entre as árvores, longe alguns passos da cabana, em meio do



planalto. Quis recuar, mas o esqueleto, que lhe enterrava os ossos no corpo, não se desprendia. A dor do sofrimento arrancava-lhe rugidos e a ossada impassível, com os dentes podres, quase colados a sua boca, com os braços passados pelo seu pescoço, retinha-o, atraía-o.

Num assomo, levantou os olhos para o céu, chamando em seu socorro Nosso Senhor Jesus. Curvou-se como para ajoelhar-se, mas não pôde e, vencido pela desesperança, abalado, quis enternecer o espectro com palavras meigas e implorações piedosas, mas o esqueleto, longe de perdoar, irritou-se cravando-lhe os dedos acúleos na garganta. Alucinado, então, deitou a correr pela vertente abaixo, nu, crispado, indômito, com uma velocidade de energúmeno, arrastando a ossada tranco a tranco pelas pedras.

Debalde escancelava a boca para gritar - o crânio inclinava-se e o seu grito era sufocado pela pressão das maxilas cheias de vermes.

Corria, corria sempre, saltando vales, metendo-se pelos coivaraís onde era mais espessa a treva, subindo escarpas com agilidade prodigiosa. Às vezes, a terra mole e fofa das rampas fugia-lhe sob os pés em roldões, entretanto, as suas pernas rígidas não estremeciam, não vergavam sequer e ele seguia por diante atolando os pés, jogando os braços, numa fuga ansiada, arrastando, como uma grilheta, o esqueleto trágico.

## VII

As senzalas dormiam. Pairava um calmo silêncio. Por vezes, as lufadas do vento traziam uma passageira zoada e fugiam levando por diante o rumor florestal.

Num recôncavo, entre rochas, morria um fogo triste.

Raimundo, acochado pelo assombro, atravessava os caminhos sem dar por eles, como se os não conhecesse, tão atordoado tinha o espírito. Seguia sempre a fugir, sem pausa, ofegando, e assim foi que se achou em meio do pasto raso, na extensa várzea seca onde os prófugos rebanhos desfilavam e tresmalhados corriam ao sol com um alto e dorido balar de ovelhas, respondido, de tempo a tempo, pela voz possante dos touros, que de além, de outro pasto, longamente mugiam. Àquela hora, porém, a campina deserta não reboava com o tumulto do tropel das patas - era vastidão e soledade, apenas os grilos cantavam na erva e o acauã tristonho, oculto entre os cajueiros, de espaço em espaço, gemia.

Raimundo ganhara a planície e fugia aos galões como um garrano batido, sem destino, arquejante e frouxo. De repente, porém, ante seus olhos uma

sombra partiu num arranco brusco, mas sem grande alcance, porque no mesmo instante quase um surdo relincho quebrou o sossego do escampo e a terra ecoou com o patear insofrido de um animal que se debatia, emaranhado num capão de mato, perto de um tijucal que reluzia à lua. Era um potro. Espantado partiu aos trancos, pinoteando, jogando coices, volteando assustado. Raimundo, que recuara tomado de pânico, reconhecendo o animal, adiantou-se e ficou à distância vendo-o debater-se, procurando, a violentos safanões, rebentar a corda que o prendia a um toro que mal saía à flor da terra. Deixou-o correr, mas de repente, tomado de uma ideia estranha, pôs-se à espreita, em atitude de assalto e, mal o viu estacar, os jarretes rijos, a cabeça alta, as ventas dilatadas, farejando desconfiado o ar da noite, arrojou-se-lhe à frente num salto intrépido, lançou-lhe as mãos às crinas e, de um só golpe do facão, cortou a embira tesa, saltou para o dorso, escarranchou-se cravando os calcanhares no ventre do animal, que volteou nas patas traseiras, ficando de pé, firme, brandindo as mãos em equilíbrio, mas o cavaleiro, peão dos bravos, o melhor, talvez, de toda a cercania, deixou-se estar seguro e imóvel sobre o pelo liso e escorreito do bicho, domando-o à força de o repuxar pelas crinas e de lhe torcer as orelhas hirtas.

O animal abateu sobre as patas, recuou até tocar a terra com a anca e partiu num arrojo feroz para corcovear de novo, ora de flanco, ora aos galões, relinchando surdamente até que, vencido e acuado pelos gritos selvagens do cavaleiro, estirou o pescoço rijo e arrancou em velocíssima desfilada através do campo alvo e deserto, varando o ar que silvava aos ouvidos de Raimundo com uma zoeira ríspida. E tanto quanto os rijos músculos podiam, o animal distendia-os em vertiginosa corrida – rente da terra, quase roçando com o ventre pelas rasteiras sensitivas do campo que esmoreciam.

O negro, na fúria de açular o potro, esquecera o horror da companhia. Tinha dentro da alma o terror, mas a grande esperança dos transe aflitivos dizia-lhe que da sua fuga por longos caminhos arredados dependia a salvação do seu corpo e nem quis voltar o rosto para evitar que os olhos encontrassem de novo a caveira sinistra, mas a um salto impetuoso do animal o ruído estalidante dos ossos abalados fê-lo involuntariamente volver o olhar e viu em toda a sua hediondez o trasgo pavoroso à garupa, batendo as maxilas, com as órbitas alumadas por um fogo cérulo que mingrava e refulgia como o lume dos pirilampus na escuridão das noites sem estrelas.

—Epa! Epa! Bradou deitando-se a fio comprido e gritando quase ao ouvido do animal: —Epa! Epa! E atrás, na anca, estalidava a ossaria implacável.

O campo ficara longe e já começava a mata com seus altos jequitibás e todo o seu versudo arvoredado. O caminho apertava-se multiplicando-se em carreiros,

veredas, azinhagas tortuosas, trilhos de mocambeiros, picadas estreitas seguindo para diferentes pontos da grande e espessa floresta virgem de além rio, na orla intrincada da serra.

Um outro raio de lua, atravessando as copadas frondes, caía em língua oblíqua sobre o solo todo juncado de folhas secas onde os passos estalavam e lá pelo interior, no recesso silvestre, não longe, andavam aos pares bestas bravias no idílio que, segundo é crença, fazem todas, principalmente as sussuaranas carniceiras nos tempos dos claros luares, que é o tempo do amor e da volúpia entre as feras.

Raimundo torceu o rumo ao animal e guiou-o para a planície, caminho das habitações e excitando-o: —Epa! Epa!! Brandia o facão diante dos seus olhos rútilos, saltados, fazendo faiscar a lâmina.

O potro arquejava, ainda assim ganhou, em pouco, grande distância através dos ásperos e rudes desvãos da campina plana e parda, fofa e movediça, um cineral por onde passara a chama devastadora das queimadas, deixando apenas, aqui e ali, espetado no solo, um toro curto, adusto, meio carbonizado e milhares, milhares de árvores tombadas no chão torrado, negras, frias, prostradas – uma só, alta e forte, tostada e nua subsistia de pé, esgalhada, sinistramente negra como o espectro hirto da extinta floresta verde, velando melancolicamente na desolada soledade de uma necrópole de troncos.

O potro exausto cedia pouco a pouco ao desfalecimento. As pernas fortes, os duros jarretes de estalão criado em vastas planícies percorridas a galope duas e mais vezes ao sol dos dias abrasados, bambeavam, tremiam; ia cedendo. Caíra em galopes, aos arrancos, com um surdo arquejo que lhe subia rouco do largo peito gotejante. De vez em quando as suas patas tropeçavam em saliências de raízes, e por pouco não arriava sobre a areia, mas o cavaleiro repuxava-lhe as crinas, torcia-as gritando-lhe em repetido gorgorejo rouco: —Aôo! Aôo!! Entrava a trotar frouxo, ziguezagueando, sacudido de tremores, escorrendo em suor, a boca aberta, babando espuma, as narinas largas, dilatadas, palpitantes, insuflando sôfregas.

Raimundo, compreendendo que era mister correr, correr sempre até que o sol nascesse, pôs-se a bramar como um possesso, mas debalde: o animal, estafado da corrida louca por planos e barrancos, pelas areias fofas dos leitos dos rios secos, pelos pedregais e pelo tijuco peganhento das ipueiras, não resistia mais – ia às tontas, abalando a cabeça, com regougos, num passo incerto e trêmulo, cansado.

Foi então que o negro, desesperado, sentindo-se ainda presa do horrendo pesadelo, vibrou o facão e cravou-o na anca do animal. Triniu um relincho dorido e o cavalo, em quatro pulos altos, agitando nervosamente a cabeça, rolando os olhos, enveredou por um caminho de silvas, sob uma abóbada de ramos, atravessou-o em desfilada com um farfalhar de folhas e de galhos que vergavam e ganhou o campo, as terras cultivadas, perto do casario do sítio.

Súbito estacou. Tremia todo: a cabeça, ora alta, ora baixa, não parava, num movimento aflito; escorria-lhe do focinho uma grossa baba. Um joelho dobrou-se logo retesando, hirto: deu dois passos tardos e lentos, parou e foi curvando as pernas dianteiras, agachando-se, a tremer, aos bufos.

Raimundo estugou-o com ambos os calcanhares, abriu-lhe nova ferida na anca: o sangue jorrou em borbotões negros. O animal soltou um relincho fraco, agitou-se em um derradeiro esforço, mas não conseguiu senão arrastar-se. Bateu com o peito contra a terra duas vezes e, por fim, esticando o pescoço com um ansiado regougo, rolou de flanco, com o olhar vítreo voltado para o céu: abriu duas vezes a boca, agitando a cabeça e abateu. Entrou a estrebuchar, foram-se-lhe enrijando os membros em uma anquilose súbita. Soergueu um pouco a cabeça, um jato de espuma embranqueceu-lhe os beiços, um frêmito percorreu-o todo até a cauda, por fim a cabeça tombou.

Raimundo, que saltara logo aos primeiros tropeços do animal moribundo, mirou-o indiferente; de repente voltou-se num giro brusco, bracejando como para enxotar uma perseguição, meio tonto, desequilibrado e caiu de costas. Os olhos abriram-se-lhe diante do céu de um leve azul macio e fresco, carminado para as bandas da serra em nescas sanguíneas. E sorriu não vendo mais o esqueleto que a madrugada enxotara para o túmulo.

Estrelas murchavam como flores e a lua pálida esmaecia, quase confundida com o céu, que parecia meio embaciado por uma névoa tênue como a pulverização do orvalho.

A paisagem esclarecia-se, toda verde, menos para as bandas da serra, que era de um azul forte, onde se destacavam os pingos amarelos das flores das piuveiras e as folhas claras das embaúbas.

O rio era como uma larga, extensa estrada de cristal por entre cajueiros, tão serenas corriam as águas, de uma límpida beleza que toda a orla de árvores nelas se revia e reproduzia sem o friso mais leve. Garças, alvíssimas, partiam em bandos com rumor de asas claras e subiam em demanda dos ares, como uma leva de pequeninos anjos. Dos colmados evolava-se por diversos pontos um fumo tênue e alto no espaço, urubus circulavam.

Raimundo sentia-se num bem estar de convalescença. Sentou-se com as mãos nas pernas, os olhos ao longe, pensativamente. O sol subia maravilhoso, com um esplendor de triunfo e o negro, como se nunca tivesse visto uma madrugada, olhava extasiado. Dos louros milhos voavam, chalrando, nuvens de periquitos e os rinchos agudíssimos dos carros que partiam juntavam ao rumorejo matinal a nota dos seus eixos, primitiva, antiga como a primeira jornada da família humana. O céu, para o ocidente, meio encardido pela bruma, ia aos poucos tomando o seu azul fulgurante, sem o menor laivo de nuvem. Não longe, num estreito caminho margeado de mimosas, Estrada de Santa Cruz chamado, bifurcando-se: para a esquerda, rumo da vila, rumo da serra para a direita, levantou-se um rumor tumultuário. A espaços um berro de touro reboava, em pouco foi um tropel de cascos batendo o solo seco a trote, em bolo. Bois apertados corriam chocando os chifres, aos pinotes, uns por baixo, outros pelos socalcos das rampas, aos galões, picados pela vara dos campeiros. Raimundo abriu um sorriso idiota, ergueu-se e olhou: a boiada passava a uns cem passos. Dentre o estrupido do gado partiu uma voz esganiçada, falsete agudo, cantando com indolente e demorada música:

Serra, serra, serrador

Não descansa de serrar...

Vozes gemeram em coro:

Serra, serra, serrador

Não descansa de serrar...

E um grito: —oooh!! ecoou longamente pelas quebradas úmidas. Raimundo fez alguns passos trôpegos, a olhar sempre para os capoeirões ondulantes por onde passava a tropa e, recordando os seus dias de vaquejada, desferiu a cantiga do seu rancho:

Na rampa da encruzilhada

Chora e geme a jaçanã

Eu hei de chorar como ela

Se te não vir amanhã

E parou. Novo espasmo agitou-o num calafrio violento, ainda assim arrepiado, trêmulo e bambo, repetiu a cantiga:

Na rampa da encruzilhada...

E pôs-se a andar em passo de ébrio, cambaleando, ora aos arrancos arrebatados como se o empurrassem, ora moroso a cabeça baixa. Parecia cego:

ia de encontro às árvores, metia-se pelos alagadiços, chafurdando, indiferente, tranquilo, cantando sempre a mesma quadra triste.

De repente, estacou brandindo o largo facão ao sol da madrugada. Circulou um olhar vago e atemorizado: estava à borda de uma rampa íngreme, embaixo um pântano verde alumiava, para o longe estendiam-se as tábuas verdes empenachadas. À margem solitária e já coberta de erva miúda, uma cruz negra velava – dos braços pendiam-lhe corimbo de florinhas brancas como se o lenho fúnebre, cravado na terra úmida, tivesse revivido para nova florescência.

O assombrado ajoelhou-se, baixou a cabeça até encostar a base do queixo na terra e, assim de bruços, com o olhar fulvo, imóvel como o de um tigre acuado, ficou a mirar o pequeno símbolo religioso que santificava o ermo. Era ali o túmulo de mãe Dina; ali havia mergulhado o espectro. De repente, um bloco de terra desprende-se e rola pela ravina esfarinhando-se. O terreno frouxo, minado pelas formigas, cortado de antigos sulcos de enxurradas, esboroava-se. O negro teve então uma ideia sinistra para livrar-se da morta por todo o sempre: ajoelhou-se e agarrando a faca a mãos ambas pôs-se a cravá-la na terra, cavando e empurrando os torrões pela rampa, seguindo-os com o olhar ardente. Quase toda a terra ia parar ao pântano profundo e o negro, a mais e mais enfurecido, escavava, escavava, como se quisesse aluir a ribanceira imensa sobre a pequenina cruz florida de madressilvas. Mas na agitação delirante esquecia o perigo e, como procurasse desprender um bloco, brandiu um golpe em falso e rolou, com a terra, de roldão, num reboło, mergulhando no pântano coalhado de ervas.

A água verde esparrimou e fechou-se; círculos distenderam-se, vieram à tona borbulhas ...

No azul o sol vencía o seu curso triunfal. Vinham chegando tropas sertanejas e pela estrada de Santa Cruz, fúlgida e lisa, ao trote das alimárias carregadas, um doce villancico, quase elegíaco, de tão lânguido e tão triste, acordava o silêncio:

A saudade traz mais penas

Pra dentro do coração,

Do que traz penas no corpo

A garça de arribação

